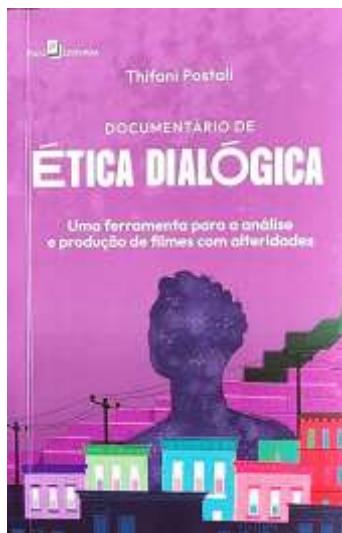


Produção Midiática com Alteridade: diálogo e reconhecimento das culturas subalternizadas

Cristina Schmidt¹

Submetido em: 23/04/2025

Aceito em: 29/04/2025



Atualmente, as culturas urbanas, as produções midiáticas e as múltiplas plataformas digitais têm predominado nas pesquisas e nos debates acadêmicos, assim como ganham evidência em movimentos sociais e políticos. Refletir sobre a retomada das ruas como resistência e luta, os diferentes marcos científicos que as compreendem, os meios e modos de registro desses processos, evidencia a abrangência e importância desses fenômenos para o campo da comunicação.

¹ Doutora em Comunicação e Semiótica – PUC-SP, Mestre em Comunicação, teoria e ensino - UMESP-SP. Fez estágio pós-doutoral em Comunicação Regional pela Cátedra UNESCO/Umesp. Diretora Regional Sudeste da Rede FOLKCOM. Pesquisadora colaboradora no PPG-Museu/UFBA. Professora nas Faculdades Bertioga. Membro do Grupo Gestor da Rede Latino-americana de Cátedras e Observatórios.

Nessa linha, o livro “Documentário de ética dialógica: uma ferramenta para a análise e produção de filmes com alteridades”, de Thífani Postali, apresenta uma temática em que esses campos se correlacionam em uma proposta de relações comunicacionais humanizadas, de reconhecimento de territórios e de vivência da cultura do outro. A autora nos chama a refletir sobre a produção midiática que dialoga com culturas subalternizadas em uma relação de aproximação/integração entre produtores e atores sociais, uma produção em que os territórios periféricos são apresentados reconhecendo a representação do Outro.

A autora alinhava uma postura de compromisso e aproximação social para a realização de documentários que intencionam promover alteridades, o que chama de encontro dialógico, com base na filosofia de Martin Buber em suas proposições éticas. A filosofia buberiana sempre foi considerada atemporal e impele a reflexões envolvidas com a realidade concreta, numa atividade que vai além da elaboração teórica, mas àquela vinculada às práxis transformadoras da sociedade. Como ele define, e a autora deste livro bem retoma, é na relação entre as pessoas atuantes no processo que se estabelece o encontro, o diálogo para uma troca profunda e um pacto de reconhecimento e ação transformadora.

Com essas bases, o livro traz grandes contribuições para se pensar a produção de documentários em que o produtor adentre o universo e dialogue com atores sociais que sempre foram desconsiderados ou estereotipados pela indústria midiática. É assim que a obra privilegia o tratamento de um grupo social culturalmente marginalizado, inclusive recorrendo a Luiz Beltrão, demonstrando a importância de uma pesquisa folkcomunicacional, onde os meios específicos utilizados nesses processos articulam elementos próprios do grupo, em sua visão de mundo, em seus valores e conhecimentos.

Esse livro é publicado em momento muito oportuno, pois dá lugar a um grupo que é grandioso e se destaca também no cenário mundial, o Hip Hop. Este é um movimento social que comemora uma trajetória de mais de 50 anos de luta e resistência. Uma cultura das periferias que surge nos EUA em meados dos anos de 1970, que se espalha pelo mundo, e chega ao Brasil por volta de 1980, se enraizando inicialmente em São Paulo.

O movimento se constitui como mecanismo de mobilização para a transformação de uma realidade de exclusão, preconceito, violência e pobreza. Por meio da arte, os jovens, em sua maioria preta, buscam informação e conhecimento, se empoderam, crescem e transformam suas vidas e comunidades. O hip hop usa como formas de expressão a música, a

dança, a moda e as artes visuais, a fim de sair da invisibilidade e se colocar no cenário urbano e nas pautas políticas.

Esse movimento tem constituído territórios de emergência e significados para dar protagonismos aos seus atores. Suas expressões artísticas são seus meios de comunicação, de modo a trazer para o mundo toda a complexidade de uma cultura invisibilizada pelas produções midiáticas hegemônicas. Por isso, de modo muito apropriado, a autora traz a folkcomunicação para demonstrar a importância desse processo de produção de uma comunicação própria a um mundo. Nesses processos de comunicação dos grupos marginalizados, ocorrem a interpretação da sociedade e as relações sociais próprias de sua gente, de sua realidade. As expressões desses grupos são questionadoras da visão dominante e institucionalizada, justamente por não serem reconhecidas por elas.

Nas concepções metodológicas da Folkcomunicação, Luiz Beltrão coloca que a atenção ao estudar os grupos marginalizados e seus processos de comunicação, diferente do foco utilizado para os estudos dos meios massivos, volta-se para a percepção do mundo ao qual eles se vinculam e se apresentam; ou seja, os estudos devem compreender os processos vinculados a esse mundo especificamente. Um mundo que estabelece relação estreita entre cultura subalterna e comunicação popular, formando um tipo característico de transmissão de notícias e expressão do pensamento e das vinculações coletivas.

A construção metodológica da investigação apresentada no livro se posiciona nessa linha, situando que o documentarista dessas manifestações culturais em absoluto pode ter uma relação unilateral investigador-objeto. Mas a importância está justamente no modo como esse produtor se relaciona com os atores sociais, com os sujeitos culturais na realidade concreta. Uma relação “inter-humana” contextualizada, de modo que a representação da realidade desses atores seja apresentada nas produções.

Muito condizente com a filosofia buberiana, a obra enfatiza como esse aspecto da relação interpessoal e da intercomunicação é fundamental para a compreensão da realidade objetiva e de todo o percurso histórico do movimento cultural. É por meio dessa relação intersubjetiva que se estabelece um diálogo e se tem o conhecimento.

Outro aspecto muito relevante na obra para os estudos dos documentários que abordam os movimentos sociais, e que a autora pontua assertivamente, é o papel do ator social dentro do movimento como líder ativista que protagoniza a definição de um território

coletivo. Vários estudos no campo da Comunicação e, particularmente, na Folkcomunicação têm destacado esse sujeito como primordial para a desconstrução dos discursos hegemônicos em relação aos grupos marginalizados. Isso se acentua ainda mais nesse momento, de retomada e implantação de várias políticas públicas inclusivas e afirmativas.

Nesse contexto, o ator social ou agente de folk é o protagonista na relação de intercomunicação, pois ele recodifica a mensagem midiática e reinterpreta a informação de acordo com os valores da comunidade em que está inserido. O papel do líder de opinião ou comunicador folk é muito importante no processo de decodificação e transmissão das mensagens. Mais ainda, ele exerce um papel pedagógico em seu grupo, aprendendo e distribuindo conteúdos próprios aos interesses do grupo, ou seja, é uma figura que exerce influência, provocando uma relação dialógica intergrupo e extra grupo.

Os capítulos que vão sendo desenvolvidos durante a obra vão demarcando os territórios periféricos em seus discursos e na construção identitária, levando à compreensão que as “sujeitas e sujeitos periféricos” fazem de sua realidade e como a representam. Esclarecem fundamentalmente a relação presencial entre os sujeitos envolvidos na produção do documentário e a experiência vivenciada que integra ator-social, documentarista e espectador (emissor-produtor/meio-receptor).

A obra cria a oportunidade de um “encontro dialógico” inclusive com os leitores. Com a definição de categorias/conceitos para a análise de filmes que abordam temáticas dos grupos marginalizados, a autora vai explicitando as diferentes possibilidades de produção de documentário e das posturas de documentaristas frente aos atores sociais. Nesse movimento, os pressupostos buberianos acerca da ética dialógica sustentam a proposição de uma necessária postura eu-tu para a produção de filmes com alteridades.

Vale destacar esse posicionamento da autora para uma produção e leitura de documentários com essa perspectiva dialógica. Tal abordagem instiga os envolvidos em uma relação interpessoal, colocando-os frente a frente para a construção de uma comunicação própria, de um documentário que abrange e reconhece o outro. Trata-se de um processo que exige um contínuo retomar reflexivo dos próprios caminhos para uma práxis libertadora.

A leitura desse livro é uma oportunidade para voltarmos os olhares aos estudos que levam ao conhecer, expressar e comunicar a partir do encontro com as culturas diversas. Um convite para assumirmos uma postura vigilante contra todas as práticas de distorção, de

exclusão e de desumanização. Para tal, o saber-fazer da autorreflexão crítica e o saber reconhecer a sabedoria exercitada pelo Outro são fundamentais para a produção midiática ou científica. Uma relação eu-tu autêntica e desprovida de intencionalidades, juntamente com uma leitura crítica das causas efetivas dos grupos subalternizados, de suas potencialidades e seus conhecimentos para uma atuação midiática com alteridades.

Ficha Técnica:

Título: Documentário de ética dialógica: uma ferramenta para a análise e produção de filmes com alteridades.

Autor: Thifani Postali

Editora: Paco Editorial – Jundiaí/SP

Ano: 2024

Número de páginas: 220 p.

Tamanho: 14 X 21 cm.

ISBN 978-85-462-2722-8

Referências

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação:** A comunicação dos marginalizados. São Paulo: Editora Cortez, 1980.

BUBER, Martin. **Do diálogo e do Dialógico.** São Paulo: Perspectiva, 1982.

BUBER, Martin. **Eu e Tu.** São Paulo: Moraes, 1974.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas** - estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 1997.

FREIRE, Marcíus. **Documentário:** Ética, estética e formas de representação do outro. São Paulo: Annablume, 2011.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

POSTALI, Thifani. **Blues e hip hop:** uma perspectiva folkcomunicacional. Jundiaí-SP: Uniso, Paco Editorial, 2011.